

“O OLHAR E A CRIAÇÃO”: UMA ANÁLISE SOBRE O REPERTÓRIO GRÁFICO E VISUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS

NICOLETTI, Gilce Rodrigues¹; ZAMPERETTI, Maristani Polidori²

¹ Acadêmica do Curso de Artes Visuais Licenciatura – Centro de Artes (UFPEL) – gilnicoletti@yahoo.com.br

² Professora Mestre – Centro de Artes (UFPEL) – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva apresentar a pesquisa em desenvolvimento para o trabalho de conclusão no curso de Artes Visuais, modalidade Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, cujo tema é “O desenvolvimento gráfico e o repertório visual do aluno de Ensino Médio em uma Escola Pública de Pelotas”. Busca problematizar a repercussão do Ensino de Arte no repertório gráfico e visual no Ensino Médio, investigando a importância da formação dos alunos em Artes Visuais na escola. Especificamente, pretende-se:

- ü Analisar o desenvolvimento gráfico e visual do aluno;
- ü Verificar como o Professor de Arte trabalha com o repertório visual e as dificuldades encontradas pelos alunos nas aulas de Artes Visuais;
- ü Compreender as concepções referentes ao *desenhar bem* trazidas pelos alunos e professores, verificando quais as experiências relevantes presentes em suas memórias;
- ü Entender as razões do desinteresse do aluno pelo desenho;
- ü Refletir sobre as contribuições do desenho para a formação de um indivíduo.

A escolha deste tema justifica-se pelo fato de que o desenvolvimento do desenho da criança ou do adolescente se dá de acordo com o seu amadurecimento e experiências culturais, ocorrendo durante toda a vida escolar, de acordo com as possibilidades e vivências que eles tiverem, em contato com os professores, colegas e demais facilitadores do processo.

O *tempo* de crescimento emocional e cognitivo do próprio aluno precisa ser respeitado, pois segundo Ostrower, precisamos “resguardar em si a liberdade do ritmo de crescer em seu tempo próprio, porque esse tempo pertence a ele e só a ele [ao aluno].” (1987, p.141). Não há como julgar um desenho sem antes conhecer o repertório do aluno, o que não é tarefa fácil, mas não é impossível. O professor interessado busca os recursos apropriados para entender e compreender os seus alunos, proporcionando condições de ensino e aprendizagem condizentes com a situação percebida.

Analisando o meu período escolar nos ensino fundamental e médio, lembrei-me que passei pela experiência de não querer desenhar por pensar não saber *desenhar direito* e ao ingressar na faculdade também havia em mim uma grande preocupação com o desenho ser *bem feito*. O fato se repetiu ao realizar os estágios obrigatórios do curso de Artes Visuais, modalidade Licenciatura, pois os alunos sentiam certo receio em desenhar e serem julgados por não fazer um desenho *bonito*. A partir destas vivências surgiu o interesse em realizar esta pesquisa.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é qualitativa e trata-se de um estudo de caso. Esta pesquisa se desenvolverá a partir da realização de uma entrevista grupal com uma turma de 1º Ano do Ensino Médio, com observação de aulas da turma. A partir disto, analisarei as impressões e memórias dos alunos sobre as aulas e os professores de Artes Visuais com os quais conviveram, buscando resgatar o repertório gráfico e visual apreendido nas aulas de Arte.

Será solicitado aos alunos a criação de um desenho para ser analisado, observando tanto as formas apresentadas, mas principalmente suas reações e expressões ao desenhar, sugerindo aspectos relativos à facilitação da expressão gráfica ou bloqueios de criatividade. Quando houver bloqueio, identificar em qual fase do desenho o aluno ficou condicionado, de acordo com os estudos de Pillar (1996) e Lavelberg (2008). Para concluir, será realizada uma entrevista com a professora da turma, observando se há interesse em atender os anseios dos alunos e se estes são estimulados a desenvolverem-se gráfico e visualmente, verificando quais os procedimentos metodológicos utilizados em sala de aula. Serão consideradas as questões relativas à localização da escola na cidade de Pelotas, carga horária semanal da professora e da turma.

Após o levantamento dos dados, será traçado um paralelo entre as respostas dos alunos, da professora e as observações de aula. Conforme aponta Duarte Júnior, “a arte revive em nós, ainda que no modo simbólico, sentimentos e vivências que se baseiam em nossa história pregressa, em nossas experiências de vida” (2010, p. 41), assim penso ser possível compreender as relações entre o repertório gráfico-visual dos alunos, as metodologias de ensino em Artes Visuais, desenvolvimento estético e as vivências intra-escolares.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tema desta pesquisa se insere nos estudos desenvolvidos por Gardner (1999), que aborda em seu livro “Arte, Mente e Cérebro” aspectos relativos à cognição e criatividade, revelando fatores influentes no desenvolvimento gráfico da criança até a idade adulta. Apoiamo-nos ainda em Duarte Jr (2006; 2010) que disserta sobre a educação estética. O autor propõe que a educação estética seja experienciada cotidianamente e com profundidade para ser apreendida e compreendida, pois “quando são mais intensas, as vivências estéticas levam o espectador não só a imaginar como também a refletir, pensar sobre os sentidos e sentimentos experimentados durante a experiência com as obras [de arte]” (DUARTE JR, 2010, p.44). Faz uma crítica aos olhares excessivamente técnicos, que muitas vezes atrapalham a experiência estética que a obra poderia proporcionar.

Para Gardner (1999), a maioria das pessoas abandonam o desenho depois que deixam a escola; este processo também pode ser constatado nos alunos adolescentes do ensino médio. O motivo pelo qual as pessoas deixam de desenhar é o que me intriga e me faz investigar esta questão. Podemos observar que alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental possuem uma criatividade extremamente aflorada; porém o mesmo não pode ser observado em turmas de séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Outro fator a ser considerado trata da sensibilidade que todo ser humano possui e que pode ser estimulada ou desestimulada no percurso de seu desenvolvimento gráfico. Gardner (1999) questiona se aqueles que possuem mais personalidade e caráter e possuidores de talento nato para o grafismo, e que vivenciem metodologias pedagógicas

apropriadas, se tornarão artistas criativos. O autor afirma que serão artesãos competentes, porém nada assegura que se tornarão mestres inovadores.

Em seu livro “O desenho cultivado da criança”, Iavelberg (2008) faz paralelos entre o Ensino de Artes Visuais na escola tradicional e na contemporânea, abordando o grafismo e as diferentes formas de desenho como principal foco de estudo.

Aquilo que a criança pode fazer e observar em cada momento diferenciado de seu desenvolvimento desenhista, que chamamos momentos conceituais, tem suporte no sujeito, mas existem coordenações do objeto (desenho) que precisam ser assimiladas por meio de interação construtiva. É o caso, por exemplo, da criança que desenha no papel e precisa aprender novas coordenações para desenhar no computador. (IAVELBERG, 2008 p. 24)

Iavelberg discursa sobre o conceito de desenho relacionado às experiências sociais vivenciadas no ambiente cultural da criança. Ao desenhar, a criança usa cognição e sensibilidade somadas à experiência que tem diretamente com o desenho no contexto histórico e sociológico de sua vivência pessoal ou por intermédio de outras crianças. Assim como falar, comer e andar, o desenho é uma das habilidades que a criança desenvolve pelo fato do desenho estar inserido na sociedade em que vive. “Aprende a ver e executar o que vê” (2008, p.24).

4. CONCLUSÕES PARCIAIS

Conclui-se até aqui que o desenho é uma conduta, um modo de ser e agir gráfico, que se desenvolve na interação social e contexto próximo da criança e do adolescente. Portanto para avaliar a qualidade de um desenho ou expressão gráfica, não basta argumentar que um trabalho seja *bom* ou *ruim*, pois o desenho é uma construção complexa, repleta e condicionada por vivências, experiências, informações e conhecimentos de diversas fontes individuais e culturais. Em relação à análise do grafismo da infância até a idade adulta, segundo Gardner (1999) é importante entender que as expressões gráficas são frutos de uma história de incentivo ou de repreensão. A educação do olhar sensível que nos fala Duarte Júnior (2010) é uma abordagem estética interessante que pode ser utilizada em sala de aula, a partir de uma metodologia que possibilite o seu desenvolvimento. Assim, a partir do referencial utilizado e dos dados a serem coletados, será possível entender as influências do Ensino das Artes Visuais no repertório gráfico e visual de alunos do Ensino Médio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE JR, João Francisco. **A Montanha e o Videogame**: escritos sobre educação. Campinas, SP: Papirus, 2010.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação do sensível. 4ª ed. Curitiba: Criar, 2006.

GARDNER, Howard. **Arte, Mente e Cérebro**: uma abordagem cognitiva da criatividade. Porto Alegre: Artmed, 1999.

IAVELBERG, Rosa. **O Desenho Cultivado da Criança**. São Paulo: Zouk, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.